



# O ANALÓGICO NA ERA DIGITAL

## A Sociedade Lomografica<sup>1</sup>

Lidiane A. de OLIVEIRA<sup>2</sup>

Paulo Roberto Figueira LEAL<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora - MG

### RESUMO:

Retrata a face analógica da fotografia perante a sociedade em uma era onde a tecnologia digital domina grande parte do mercado e a evolução da fotografia até o século XXI. Mostra a Sociedade Lomográfica e a importância da repercussão que suas campanhas publicitárias e seu marketing têm nessa nova forma de fotografar, fazendo com que cada vez mais pessoas optem por utilizar câmeras analógicas. Explica como surgiu a lomografia, e a sua atual importância como forma de arte e expressão fotográfica pioneira na retomada da fotografia analógica e os novos conceitos que esse estilo prega.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia analógica; Tecnologia; Lomografia; Lomography Society;

### 1) Introdução

O objetivo deste artigo é analisar como, em um período de grande evolução tecnológica, há o que podemos chamar de ressurgimento da fotografia analógica como forma de expressão artística e cultural. Tendo como base a Lomografia, estilo fotográfico onde utiliza-se câmeras analógicas com lentes de plástico e tem-se como resultado fotografias com cores saturadas, desfocadas e com bordas escuras.

Desde a criação da fotografia, várias foram as evoluções sofridas pelas câmeras fotográficas. Tanto em seu tamanho e peso quanto na forma de se fotografar. Pode-se dizer que a câmera analógica ficou estagnada no tempo, não sofrendo mais nenhuma alteração ao longo de mais de 100 anos, enquanto as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º. período do Curso de Comunicação Social, UFJF email: [lidianejf@hotmail.com](mailto:lidianejf@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social, UFJF, email: [pabeto.figueira@uol.com.br](mailto:pabeto.figueira@uol.com.br)



câmeras digitais começavam a evoluir mais à cada dia, gerando uma forma mais rápida e segura de fotografar, e aumentando o poder de reprodução e repetição da fotografia.

É justamente essa automação no ato de fotografar e de ver o resultado que a fotografia digital apresenta, que a lomografia e a fotografia analógica dispensam. A lomografia preza pelo instante fotografado, importa-se mais com o objeto a ser fotografado do que com a fotografia em si. O lomografo tem que estar em sintonia com o que está acontecendo ao seu redor, visto que muitas câmeras lomos não possuem nem visor.

O surgimento da Lomography Society ( Sociedade Lomográfica) deu início, na década de 90, à esse fenômeno fotográfico que cresce a cada dia, tanto no Brasil como em outros países ao redor do mundo. A Sociedade Lomográfica reúne ao redor do planeta mais de 500 mil lomografos e seguidores assíduos do estilo lomográfico.

Veremos ao longo deste artigo como foi a evolução da fotografia analógica para a digital, destacando sua importância como meio de comunicação para a sociedade e a forma como a fotografia foi inserida no nosso dia a dia, e a forma como a fotografia analógica, através da lomografia ressuscitou esse espírito saudosista nos amantes de fotografia e a trouxe de volta ao mercado consumidor.

## **2) A Representação e utilização das tecnologias da comunicação ao longo do tempo**

Desde os primórdios, nas cavernas de nossos ancestrais, a técnica do desenho era utilizada como meio de comunicação. Contando histórias, lendas ou premonições, as pinturas rupestres daquela época tentavam retratar a realidade de um povo. Marshall McLuhan ao escrever o livro “ Os meios de comunicação como extensão do homem” ajudou muito no entendimento do procedimento da evolução eletrônico-comunicacional pelo qual - ainda – passamos. “As consequência sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmo- constituem o resultado do novo estação introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos”( MCLUHAN, 1969, p. 21 )

O autor define os meios de comunicação entre “meios frios” e “meios quentes”, definindo estes pelos critérios de diferenciação, “ Um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em “alta definição”. Enquanto



um meio frio seria o que proporcionaria uma maior interação entre o aparelho e quem o utiliza, o meio quente não deixa muita coisa a ser completada pela audiência. Tem-se como exemplo de meio frio o telefone e de meio quente o rádio.

Mcluhan (1969) diz em sua obra que “ a inserção de uma nova tecnologia na mente grupal requer uma cirurgia social maciça, e é obtida embutindo-se o dispositivo de entorpecimento”. A cada dia, lançam-se novos produtos, novas marcas, novas forma de se ver o mundo ao seu redor. Esse entorpecimento é causado pela incessante vontade que o ser humano tem de ultrapassar seus limites e alcançar o que é inalcançável. Depois que isso é feito partimos em busca de um novo produto que possa suprir nossas novas necessidades, e assim por diante.

A fotografia tem o poder de congelar o instante, um sorriso, uma lágrima, um assalto, a chuva, folhas das árvores caídas no chão, governantes exaltados, símbolos da paz, protestos. Tem o poder de contar histórias e de fazer a história. Sua importância é tão grande em nossa evolução tecnológica e de informação, que não podemos mais pensar em viver em um mundo onde não haja fotografias. A fotografia aproximou as culturas e as tornou pública e de fácil acesso.

O poder da câmara fotográfica de estar em toda parte de inter-relacionar coisas vem bem indicado pela jactância da revista Vogue (15-3-1953) nestas linhas: Hoje, sem precisar sair de seu país, uma mulher pode ter o que há de melhor em seu banheiro proveniente de cinco( ou mais) nações diferentes – e tudo comparável o requinte e ao sonho de um estadista. Eis porque , na era da fotografia, a moda se tornou algo como a colagem na pintura. ( MCLUHAN, 1969, p. 214)

Mcluhan (1969) compara as câmeras fotográficas aos monóculos do século passado, que teriam o poder de transformar as pessoas em coisas, como se fossem comercializadas para as massas. Como os ídolos do cinema que eram tornados públicos através de fotografias que saíam em revistas. “ Eles se tornam sonhos que o dinheiro pode comprar. Podem ser comprado, abraçados e apontados mais facilmente do que mulheres públicas”

E com esse domínio público da imagem, surge o conceito do “bordel sem paredes” que Mcluhan (1969) aplica à fotografia. Esse aspecto de prostituição e violação da imagem que os bens compartilhados por massa provocam.

A peça de Jean Genet – escritor, poeta e dramaturgo francês- , O Balcão, apresenta a sociedade como um bordel cercado de violência e horror. Face ao caos da revolução, ergue-se ao a’vido desejo da humanidade em prostituir-se, O bordel resiste em meio às mais violentas mudanças. Numa



palavra, a fotografia inspirou Genet em seu tema do mundo como um bordel, pois a fotografia é um Bordel Sem Paredes (MCLUHAN, 1969, p.215)

A fotografia veio para dar autonomia às imagens. Não era mais necessário o modelo ficar parado por horas diante do pintor, para ter sua imagem retratada em um quadro. Com a fotografia, bastava alguns minutos e o trabalho já estava feito, sendo o mais fiel possível à imagem real. Willian Henry Fox Talbot não tinha consciência de haver alinhado o mundo pictórico com os processos industriais, tendo a fotografia mostrado automaticamente como era o mundo externo, possibilitando uma imagem visual exata e repetível, através de negativos.

A evolução da era do homem tipográfico para o homem gráfico se deu através da fotografia. A luz e a química eram introduzidas nos processos de elaboração e fabricação dos daguerreótipos e das fotografias. Os objetos escolhidos eram formados, de forma inversa sob um papel sensível à luz, através da prolongada exposição das lentes sob o objeto, e depois as imagens eram fixadas por produtos químicos, gerando o produto final. Talbot Considerava a fotografia uma extensão da câmara obscura .

Porém, dizer que a câmara não mente e retrata somente o real, é esquecer da grande variedade de ilusões que pode-se praticar com ela. O mundo do cinema, que se originou da fotografia, tornou-se sinônimo de ilusão e fantasia. Segundo Joyce , esse aspecto transformou a sociedade em um “notibercário de noticiário”, no qual substituiria o mundo da realidade pela realidade do carretel de películas.

A tecnologia da fotografia é uma extensão de nosso próprio ser e pode ser retirada da circulação como qualquer outra tecnologia, se chegarmos à conclusão de que ela é nociva. Mas a mutilação dessas extensões do nosso ser físico requer tanto conhecimento e perreca quando uma amputação física. (MCLUHAN, 1969, p. 219)

A fotografia tem o poder de alterar nossas atitudes, tanto externas quanto o nosso diálogo interno. Em oposição à linguagem escrita, a fotografia é útil tanto para gestos individuais quanto coletivos. Para Mcluhan (1969), a maior revolução que a fotografia proporcionou ao longo do tempo foi nas artes tradicionais.

“ O pintor já não podia pintar um mundo fotografado em demasia. Dedicou-se, pois, à revelação do processo interno da criatividade, no expressionismo e na arte abstrata. O escritor também já não podia descrever objetos e acontecimento para os seus leitores, já informados pela fotografia pela imprensa, pelo cinema e pelo rádio.” ( MCLUHAN, 1969, p. 220 )

Nessa era da fotografia, a linguagem passa a ter um caráter gráfico ou icônico, onde seu significado foge do universo semântico. A fotografia eliminou as fronteiras nacionais e as barreiras culturais, nos transformando em membros de uma mesma aldeia global.

### **3) Analógico x Digital : a evolução da fotografia**

Tem-se como data de origem da fotografia, meados do século XIX, quando astrônomos e físicos observavam os eclipses solares por meio de câmaras escuras – as quais deram origem à câmera fotográfica. O princípio básico da câmara escura era uma sala fechada, contendo apenas um único orifício por onde a luz era refletida em uma parede pintada de branco, onde era formada a imagem do objeto. Vários foram os pintores e artistas que utilizaram dessa técnica em seus trabalhos, entre eles, Leonardo da Vinci, que fez vários comentários sobre a câmara escura em seu livro de notas sobre os espelhos, o qual foi publicado somente após a sua morte, em 1797.

A câmara obscura foi evoluindo e, de uma sala fechada, passou a ter seu tamanho diminuído, equivalendo-se uma caixa de médio porte, o que facilitou o seu transporte. A câmara podia ser carregada para qualquer lugar, aumentando assim o número de possibilidades de imagens a serem capturadas. Mas essas imagens feitas com a câmara obscura não eram conservadas, não resistindo à luz e ao tempo. O desafio dos cientistas passou a ser conseguir fixar a imagem no papel. Em 1816, o francês Joseph Nicéphore começou a pesquisar um material recoberto com betume da Judéia e em uma segunda etapa com sais de prata. Daguerre, por sua vez, prosseguiu seus estudos com a prata halogena, e cria o daguerreótipo, um método de gravar imagens por meio de câmara obscura.

A incessante busca pelo método correto de captura e fixação da imagem gerou certos conflitos entre os cientistas. O inglês William Fox Talbot também gravava imagens com a câmara obscura, em um processo semelhante ao de Daguerre e Niépce, o qual deu o nome de Talbotipia ou Calótipo. Outro cientista que reivindicou essa descoberta, foi Hippolyte Bayrd, que foi o responsável pela primeira montagem fotográfica da história, quando em 1840, simulou a própria



morte como forma de protestar contra as autoridades francesas pelo não reconhecimento de suas invenções.

O Brasil não ficou por fora desse turbilhão de invenções. Antoine Hercule Romuald Florence (1804-1879), criou uma forma econômica de impressão sensibilizada pela luz do sol e sais de prata, método bastante semelhante aos desenvolvidos por Daguerre, Niépce e Talbot. Florence batizou esse método de Photographie, e foi criado seis anos antes que o método de Daguerre, na França.

A partir daí, a câmera fotografia não parou de evoluir. Depois de ter seu tamanho reduzido e sua venda em larga escala no mercado, a câmera fotográfica deixou de ser um privilégio somente dos fotógrafos e passou a ser um advento de amadores. Começava aí, o que o muitos viriam chama de banalização da fotografia. Muitos pintores da época acreditavam que com a criação da fotografia, a pintura iria desaparecer e não reconheciam nela o status de arte, já que era feita através de processos químicos e físico. Esse incessante desconforto dos pintores com a fotografia deu origem ao que chamamos de ” movimento impressionista, que, aos poucos, encontrou rumo e reconhecimento na história das artes visuais.” (OLIVEIRA, 2006, consulta em 2011)

Essa discussão entre reconhecimento da fotografia como arte e a sua banalização também está presente nos dias de hoje, no século XXI. É a oposição entre duas formas diferentes de captação de imagens : a fotografia analógica e a fotografia digital.

Enquanto técnica, a fotografia é constituída por dois processos distintos: um processo físico e um processo químico. O processo físico que envolve as leis da óptica (as objetivas e a caixa escura que permitem a formação e captura da imagem) já estava bastante avançado no final do século XVIII. Nesse período o processo químico - aquele que permite o registro latente da imagem num suporte sensibilizado com cristais de prata que, depois de revelado e fixado, produz uma imagem permanente - começou a amadurecer. ( FELZ, 2009, consulta em 2011)

Para Oliveira (2006), ”Desde que foi descoberta, a fotografia analógica pouco evoluiu. Permaneceu com seus princípios ópticos e formatos por mais de 100 anos, reinando absoluta na história, como se o processo descoberto pelos pioneiros fosse, de fato, eterno.” Em contraponto, vivenciamos o surgimento da fotografia digital no final dos anos de 1980, e com ela todo um novo estilo e beleza de se fotografar. Abre-se um novo mundo de possibilidades para os fotógrafos, tanto na



forma de se fotografar quanto na manipulação dessa fotografia posteriormente. ”.A fotografia digital pode ser entendida como “a imagem fotográfica numérica, independente de sua forma de captura, se com câmera digital ou analógica e posteriormente digitalizada” (ZAMBONI, 2004, consultado em 2011)

A fotografia digital não se restringe apenas às câmeras digitais. Fazem parte dela todo um meio virtual da imagem.

imagem é transformada em milhares de pulsos eletrônicos, a fotografia digital pode ser armazenada em computadores, disquetes, CD-Rom ou cartões de memórias e, dessa forma, ser transmitida por satélite logo após sua produção, com a ajuda de um computador portátil e telefone. Uma rapidez de que a fotografia analógica não dispõe. (OLIVEIRA, 2008, acesso em 2011)

Quanto maior a evolução da fotografia digital, maior também sua banalização. Hoje em dia é possível fotografar tanto com uma câmera profissional quanto com o celular. Podendo ambos servirem como documento fotográfico. Nunca antes o conceito de Bordel sem Paredes empregado por Macluhan foi tão preciso. Há, sem dúvida, uma vulgarização da imagem, ocasionada pelas infinitas possibilidades de reprodução que uma câmera digital tem. O mundo está despido, esperando ser fotografado. Esquecem-se o ISO, obturador, diafragma, revelação e sabe-se somente de delete.

O instante, que na fotografia já é banalizado, com a digitalização passa a ser também descartável e construível. Se a foto não fica boa, é só deletar e fazer outra, sem a necessidade de esperar a revelação. O instante se revela automaticamente, instantaneamente, em tempo real, numa pequena tela de cristal líquido. (AGUIAR, 2006, consultado em 2011)

Atualmente a fotografia deixou de ter apenas um propósito e passou a se dividir em vários gêneros : artístico, retrato, fotojornalismo, documental, natureza, publicitária, etc. Livros como “Diante da dor dos outros” de Susan Sontag, nos ajudam a reconhecer a importância da fotografia como processo documental de nossa história.

A guerra devasta. Mas a guerra vista apenas por fotografias, quadros ou paisagens pode ter outra função. Além de servir para atizar o ódio ao inimigo ou enaltecer uma pátria, as fotos de guerra tem a função de ser *arte*. As fotos de uma atrocidade podem suscitar reações opostas. Um apelo em favor da paz. Um clamor de vingança. Ou apenas atordoadas consciência, continuamente reabastecida por informações fotográficas, de que coisas terríveis aconteceram. (SONTAG, 2003, p.74)



Contudo, ainda há um questionamento referente à fotografia. Em plena era digital dos mais diferentes adventos tecnológicos, da nanotecnologia, é possível que haja uma pequena faísca do que seria o ressurgimento da fotografia analógica? Seria possível, diante da imensidão de possibilidades que uma câmera digital proporciona ao fotógrafo, podendo este através de repetições e alterações beirar a perfeição fotográfica, alguém escolher a forma mais difícil de se fazer, a que proporciona mais erros e exige maior esforço e técnica?

A fotografia caracteriza-se pela possibilidade de reprodução mecânica e, com a máquina assumindo cada vez mais importância entre os meios de produção, os princípios iniciais da fotografia: o trabalho manual e o espírito individual, dão lugar a um ofício cada vez mais impessoal (FELZ, 2009, consulta em 2011)

Pois digo que sim. Não só alguém, mas um grupo de pessoas, que unidas pelo saudosismo e por não terem medo de fotografar, fundaram a Lomography Society, um grupo de apreciadores da lomografia.

#### **4) A Sociedade Lomografica e sua influência mundial.**

Mas afinal, o que é a lomografia e o que a diferencia da fotografia analógica? A lomografia é um modo de fotografar que preza, acima de tudo, pela espontaneidade fotográfica. São fotos tiradas ao acaso, sem nenhuma técnica formal. Os lomógrafos, pessoas que fotografam com câmeras lomo, valem-se de um *approach voyeurístico*, com tudo que possa ser fotografado. Múltiplas exposições, cores saturadas -obtidas através de processamento cruzado dos negativos -, erros de foco, superexposições e equipamentos de baixa qualidade (como as máquinas chinesas Diana e Holga, que são famosas por sua falta de foco e corpos tão mal feitos que apresentam frestas que acabam expondo os filmes) são algumas das características que definem o que seria o estilo lomo de fotografar.

Tudo aquilo que é incerto e belo na sua imperfeição. O que a difere da fotografia digital é exatamente esse último ponto abordado: a imperfeição. As câmeras digitais estão evoluindo para chegarem cada vez mais próximas da perfeição fotográfica, tanto no ato de fotografar quanto em posteriores edições, com o auxílio de softwares, enquanto o que torna a lomografia atraente aos olhos, é não ter essa pretensão.





O surgimento da primeira Lomo ocorreu na então União Soviética, no início da década de 80, quando um general soviético requisitou à Leningradskoye Optiko Mechanicheskoye Obyedinenie (Lomo) – fabricante de lentes e outros produtos óticos – que fosse produzida uma câmera barata, compacta, automática, e com boa lente e sensível à luz, para que não fosse necessário o uso de flash. O intuito do general era que a população da União Soviética pudesse adquirir essa câmera e registrasse o modo de vida comunista no qual viviam na época.

Foi então que surgiu a Lomo Compact Automat (LCA), baseada na japonesa Cosina CX, produzida em série e vendida não só na União Soviética, como em países como Vietname e Cuba.. A LCA era uma câmera fácil de se usar, havia um mecanismo que mantinha o seu diafragma automaticamente aberto pelo tempo necessário para realizar exposições, o que permitia a realização de longas exposições em condições onde havia pouca luz.

Segundo Lomography (2009), a redescoberta da Lomo LCA ocorreu em 1991, na República Tcheca, por dois amigos vienenses, Mathias Fielg e Wolfgang Stranzinger, que estavam de férias em Praga. Caminhando pelos mercados da cidade, encontraram uma câmera automática bastante charmosa, a LCA. A curiosidade em relação à câmera foi tão grande que os amigos fotografaram durante todo o tempo em que estiveram viajando. Quando quando voltara para Viena, os amigos mandaram revelar as fotos e ficaram fascinados com as cores, luz e formas que as fotografias adquiriram. O sucesso e entusiasmo foi tão grande que em pouco tempo a máquina Lomo se tornou febre em toda Viena.

Em 1995, nasceu em Viena, na Áustria, a Sociedade Lomográfica e a primeira Lomo Embaixada, com o intuito de não deixar que as pequenas câmeras soviéticas desaparecessem, já que a fábrica de Praga havia sido desativada. A Sociedade Lomográfica organizou diversos eventos culturais para a venda das Lomos LCA, afirmando a lomografia como arte. O primeiro grande evento da Sociedade Lomográfica foi uma mostra simultânea em Nova York e Moscou, onde haviam milhares de lomografias expostas em uma série de murais. No Brasil, a Sociedade Lomográfica ganhou sua primeira sede no Rio de Janeiro, em 2009, tendo em vista a abertura de uma filial em São Paulo agora em 2011.

O *LomoWordArchive* foi um dos maiores projetos da Lomography (2009) em colaboração com várias embaixadas localizadas em mais de 50 cidades pelo



mundo todo. Consiste em um registro visual de várias fotografias de lomógrafos do mundo todo. O que havia começado através de dois jovens em Viena, como uma abordagem artística à fotografia, tomou proporções estrondosas e ganhou reconhecimento internacional, tornando-se um movimento sociocultural.

A lomografia tornou-se independente, criando neologismos e novas ideias na cabeça de quem está fotografando. Quem utiliza Lomos não é fotografo, mas lomografo; não se tem uma fotografia e sim uma lomografia. Esse aspecto de reinvenção conferiu à lomografia uma expressão que vai além do limiar fotográfico. O desenvolvimento da Sociedade Lomografica vem ocorrendo graças ao lançamento frequente de novidades e venda de produtos.

Dentre as câmeras mais vendidas estão as Diana e a Holga, câmeras de médio formato que utilizam filmes de 120mm e produzem fotos lindíssimas, tendo a Diana a opção para Pinhole – um método semelhante ao da câmara escura, utilizado nos primórdios da descoberta fotográfica, onde é preciso uma caixa totalmente vedada, com o interior escurecido, tendo somente um furo, revestido por papel laminado, por onde a luz entrará e formará a imagem no filme ou papel fotográfico inserido dentro da caixa.

As câmeras de pequeno formato que usam filme 35mm, são as mais próximas das antepassadas câmeras analógicas que todos tinham em meados de 1995, o filme de 35mm é o mais comum, sendo utilizado na maioria das câmeras populares. As lomos de pequeno formato mais vendidas são a ActionSampler, uma câmera que possui quatro lentes de plástico e produz quatro quadros em uma mesma foto, uma espécie de um pequeno storyboard; a Diana Mini, uma miniatura da Diana F em 35mm, que produz fotos mais distorcidas e com as bordas mais escuras que a Diana original, a Fisheye, uma câmera que possui um ângulo de visão de 170 graus, compactando tudo à sua volta em uma imagem circular, e a Holga no formato 35mm.

A ancestral de todas as lomos, a LCA, não esta entre as mais vendidas devido ao seu alto preço se comparado às demais. O preço acessível da LCA ficou no passado, junto com a URSS. É comum a utilização de filmes negativos ou cromos, que são usados em processos de revelação cruzada, o que causa inversão de cores, saturação, efeitos realmente inesperados.



A Sociedade Lomográfica também é marcada por uma grande variedade de atividades propostas em seu site, o [www.lomography.com](http://www.lomography.com), como promoções, exposições, competições, festas, publicações, projetos internacionais e locais. O site da Lomography tem a função não só de venda, mas também de encontro de pessoas que são apaixonadas por lomografia. Ele possui sessões como as *Lomowalls*, que permitem que o usuário cadastrado crie uma espécie de mural virtual onde ele pode divulgar as fotos que tirou e as combinar de diversas formas, como uma colagem. Essas fotos ficam expostas para os outros usuários verem, podendo receber comentários e até medalhas de mérito.

Além de expor suas fotos, os lomografos tem um espaço onde podem postar artigos, dicas e truques sobre lomografia, para trocar experiências e ajudar os novos entusiastas dessa jornada analógica. A interação entre os apaixonados por lomografia é o que movimenta a Sociedade Lomográfica. Criou-se um novo mundo e um novo estilo de vida a partir dessas pequenas câmeras automáticas. A Lomography Brasil também vende acessórios para as câmeras, como lentes, tripés, filmes, disparadores, flashes, sem contar uma linha de camisetas, bolsas e buttons.

Mais que um estilo fotográfico, a lomografia se tornou um estilo de vida, sendo capaz de influenciar todos ao seu redor. A Sociedade Lomográfica estabeleceu Dez Regras de Ouro para um lomografo. São elas:

- 01) Leve a sua câmera aonde você for.
  - 02) Use sua câmera a qualquer hora, dia ou noite.
  - 03) A Lomografia não interfere na sua vida, ela é parte dela.
  - 04) Experimente fotografar a partir da cintura (isto é, sem enquadrar com os olhos).
  - 05) Aproxime-se o máximo que puder de seu objeto de desejo lomográfico
  - 06) Não pense.
  - 07) Seja rápido.
  - 08) Você não precisa saber antes o que fotografou.
  - 09) E nem (saber) depois.
  - 10) Não se preocupe com as regras.
- (LOMOGRAPHY, 2009, acessado em 2011)

Nos últimos anos, a Sociedade Lomográfica estabeleceu uma reputação internacional, superando os 500 mil lomografos. Em 2010, a Sociedade Lomográfica invadiu a Phokina, em Colônia, na Alemanha, e anunciou as Profecias para o Futuro Analógico. Durante essa feira foram lançadas três novas câmeras a Spinner 360°, que faz fotos girando em torno de seu próprio eixo, e duas edições limitadas da



Lomo LC-A+, precursora do sucesso da marca Lomo, em novas cores, além da criação de versões localizadas do website no Canadá, Taiwan, Tailândia, Coreia, China, UK e Itália

O lançamento mais recente da Sociedade Lomográfica, foi a câmera La Sardina, uma grande angular de 35mm em formato de lata de sardinha. Ela possui quatro modelos, Fischers Fritze with Fritz the Blitz flash, El Capitan with Fritz the Blitz flash, Marathon e Sea Pride.

Mas a disseminação lomográfica também também deve ser creditada, além de seus produtos, ao intenso e eficiente marketing da Sociedade Lomografica, que utiliza de lemas como “ O futuro é Analógico” e “ não pense, apenas clique”, para reforçar a ideia da lomografia presente em todos os momentos, como parte da sua vida. (LOMOGRAPHY, 2009, acesso em 2011)

A lomografia se mostrou presente na realidade de muitas pessoas ao redor do mundo, como forma de arte ou apenas lazer, e a evolução dos equipamentos fotográficos digitais que apontava para o aniquilamento gradual da fotografia analógica foi falha. É fato que a lomografia não é totalmente acessível, principalmente longe das capitais, onde os recursos de revelação e venda de filmes com um preço mais baixo é maior. “ Na opinião dos defensores da fotografia digital, a velha forma de captação de imagens sobreviverá apenas na memória de veteranos fotógrafos incapazes de se adaptar às novas tecnologias.” (OLIVEIRA, 2006, acesso em 2011)

Pois a fotografia analógica não sobreviveu apenas na nossa memória. Está se tornando cada vez mais comum a busca pela reinvenção do passado, não somente na fotografia, mas nas artes, literatura, design, etc. Não são apenas os saudosistas que viveram aqueles tempos que estão em busca de uma segunda chance no presente, mas adolescente e jovens, muitos, frutos da dessa era digital.

A Lomography (2009) criou, de fato, uma sociedade. Onde as pessoas convivem virtualmente com seus perfis, reunindo gente do mundo todo, propiciando troca de experiências e ideias, ela envolve o consumidor de uma maneira que o engloba em um grupo, de forma a fazê-lo se sentir parte daquilo, parte da empresa. Essa é uma estratégia de marketing muito poderosa, que faz o consumidor querer cada vez mais adquirir produtos da marca e se tornar cada vez mais parte daquilo.



A Lomography reúne e acolhe todos os novatos, veteranos, amadores de fotografias experimentais e sem medo de queimar filmes - porque na lomografia, isso é o que mais acontece. É não ter o medo errar, de ousar, de se arriscar, de se encantar e de encantar que motiva um lomógrafo. Ter o prazer de levar seus filmes para revelar e busca-los no dia seguinte, com a expectativa de ver como as fotos ficaram – e se saíram-, ter o negativo delas em mãos, para poder mandar revelar de novo se assim quiser. É esse sentimento, de que tudo que é mais difícil é mais proveitoso, munido pela vontade de fazer a diferença, que move os lomografos e traz a cada dia novos adeptos da lomografia e da fotografia analógica em si.

A fotografia analógica não morreu e muito menos está obsoleta, como alguns pensavam. Está cada vez mais fascinando e mexendo com a cabeça de todos os amantes de fotografia. As Lomos ainda vem com os mesmo benefícios de quando a Lomo LCA foi criada : compacta, automática, lentes sensíveis à luz e acessibilidade de preços, para as pessoas poderem fotografar seus modos de vida em vários países , e compartilha-los com o mundo.

##### **5) Considerações Finais:**

Conclui-se, desta forma, que há espaço para a fotografia analógica no século XXI, e que esta não se extinguiu, como muitos haviam afirmado, ambos os estilos fotográficos podem coexistir, como vem ocorrendo. Já existem softwares para computadores e celulares que simulam o efeito de uma câmera lomo, com suas cores típicas e imperfeições. É o digital imitando o analógico.

Reconhece-se a grande influência que a Sociedade Lomográfica teve na representação analógica nos dias atuais. Através de campanhas publicitárias que envolvem o consumidor, e marketing de relacionamento forte, a Sociedade Lomográfica consegue com que não apenas seus produtos sejam vendidos, mas também o conceito lomográfico. Essa formação de uma unidade de pessoas que transformam uma empresa em uma sociedade, aproximando os clientes e fazendo com que, cada vez mais, cresça o número de adeptos do estilo analógico lomográfico de ser.

É de grande valia para as pessoas saber aproveitar o que cada estilo fotográfico tem de melhor, e acima de tudo, não deixar de fotografar. Porque é



dessa forma que daremos continuidade a essa incessante revolução tecnológica, que, mesmo buscando referências no passado, não deixa de evoluir.

## 06) Referências Bibliográficas

AGUIAR, K.F. **Fotografia digital: hibridações e fronteiras**. 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em 19/06/2011.

AUMONT, J. **O olho interminável (cinema e pintura), capítulo: Lumière, o último pintor impressionista**. Cosac Naify, 2004.

FELZ, J.C. **A Fotografia: Desenvolvimento tecnológico e banalização da imagem**. Disponível em: <[http://www.uab.ufjf.br/mod/resource/view.php?id=187966&subdir=/Unidade\\_1\\_-\\_imagem\\_e\\_tecnica\\_](http://www.uab.ufjf.br/mod/resource/view.php?id=187966&subdir=/Unidade_1_-_imagem_e_tecnica_)>, 2011. Acesso em 09/05/2011

FRAGA, C.T. **Filosofia da Caixa Preta**. Revista Eletrônica da FIA, Vol. II N. 2 Jul – Dez / 2006 pp. 129 – 134 ISSN 1809-3604. Acesso em 15/06/2011.

LOMOGRAPHY BRASIL, **Linha do tempo**, disponível em <<http://www.lomography.com.br>>. acesso em 26/06/2011

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**, Editora Cultrix, 1969.

MONTEIRO, R. **O Pensador Selvagem**, 2007. Disponível em <<http://opensadorselvagem.org/arte-e-entretenimento/um-pouco-de-luz/lomografia-nao-pense- apenas-clique>>. Acesso em 23/06/2011.

OLIVEIRA, E.M. **Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital**, 2006. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em 09/05/2011.

OLIVEIRA, E.M. **O pioneiro da fotografia no Brasil**, 2007. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em 19/06/2011.

SONTAG, S. **Diante da Dor dos Outros**. Companhia das Letras, 2004.